



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LÍNGUA INGLESA, SUAS LITERATURAS E
TRADUÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - INGLÊS

BÁRBARA DOS SANTOS VIANA

COMO A CRIATURA DE MARY SHELLEY EVIDENCIA O PRECONCEITO
ESTÉTICO E SEUS EFEITOS NA SUBJETIVIDADE SOCIAL

FORTALEZA

2023

BÁRBARA DOS SANTOS VIANA

COMO A CRIATURA DE MARY SHELLEY EVIDENCIA O PRECONCEITO
ESTÉTICO E SEUS EFEITOS NA SUBJETIVIDADE SOCIAL

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa
de Graduação em Letras - Inglês, da
Universidade Federal do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nogueira
de Andrade.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S233c Santos Viana, Bárbara dos.
Como a criatura de Mary Shelley evidencia o preconceito estético e seus efeitos na subjetividade social
/ Bárbara dos Santos Viana. – 2023.
26 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Letras (Inglês), Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Paulo Roberto Nogueira de Andrade.
1. Preconceito. 2. Estética. 3. Subjetividade. I. Título.

CDD 420

BÁRBARA DOS SANTOS VIANA

COMO A CRIATURA DE MARY SHELLEY EVIDENCIA O PRECONCEITO
ESTÉTICO E SEUS EFEITOS NA SUBJETIVIDADE SOCIAL

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa
de Graduação em Letras - Inglês, da
Universidade Federal do Ceará.

Aprovada em: 06/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Nogueira de Andrade (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Diana Costa Fortier Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Michel Emmanuel Felix François
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

Partindo da perspectiva narrativa da criatura apresentada na mais famosa obra literária de Mary Shelley, este estudo se propõe a discutir questões atreladas ao preconceito estético e como esse fenômeno social afeta diretamente a subjetividade de um indivíduo. A criatura em sua narrativa em primeira pessoa descreve toda sua trajetória de vida, sendo esta fortemente marcada por abusos físicos e psicológicos que por sua vez acarretam um grande prejuízo psicossocial para a mesma. Deste modo, serão descritas e discutidas as problemáticas das questões pertinentes ao preconceito estético e seus efeitos na obra Frankenstein ou O Prometeu Moderno de Mary Shelley (1818). A criatura pode ser considerada uma personificação eficaz para o levantamento de uma análise literária cujo principal foco é a exploração do tema do preconceito estético, sendo ela um perfeito exemplo deste problema que ainda permeia nossa sociedade atual. As injustiças sofridas por este personagem literário trazem consigo uma forte correlação com diversos grupos sociais e dialoga diretamente com os malefícios da segregação e marginalização sofrida por muitos ainda presentemente.

Palavras-chave: Subjetividade; Preconceito; Estética.

ABSTRACT

Commencing from the narrative perspective of the creature presented in Mary Shelley's most famous literary work, this study aims to discuss issues linked to aesthetic prejudice and how this social phenomenon directly affects an individual's subjectivity. The creature in its first-person narrative describes its entire life trajectory, which is strongly marked by physical and psychological abuse, which causes great psychosocial damage to it. The issues of aesthetic prejudice and its effects in the work *Frankenstein, or The Modern Prometheus* by Mary Shelley (1818) will be described and discussed. The creature can be considered an effective personification for the survey of a literary analysis whose main focus is the exploration of the theme of aesthetic prejudice, being a perfect example of this problem that still permeates our current society. The injustices suffered by this literary character bring with them a strong correlation with different social groups and directly dialogues with the harms of segregation and marginalization suffered by many today.

Keywords: Subjectivity; Prejudice; Aesthetics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
3	METODOLOGIA	14
4	DESENVOLVIMENTO	16
5	CONCLUSÃO	25
	REFERENCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

Este projeto visa abordar as nuances de como o preconceito estético afeta a subjetividade do ser. Para este fim será usada a obra literária Frankenstein ou O Prometeu moderno, doravante Frankenstein escrita por Mary Shelley. O enfoque principal será na figura da criatura que nos servirá para esta pesquisa como uma síntese para analisar os mecanismos do preconceito baseado puramente na estética do personagem. Especificando um pouco mais a fundo, o tema proposto será fazer uma comparação usando a figura alegórica da criatura como parâmetro para discutir a problemática do preconceito e como esse problema ainda assola diversos grupos no contexto atual do século XXI.

A problemática levantada por essa pesquisa é a de conceber os paralelos necessários para fundamentar uma análise literária que terá seu principal enfoque em questões que permeiam como o preconceito estético pode afetar a subjetividade do ser exposto a esta categoria de marginalização social. Sendo assim, análise irá focar em como a criatura denota as latentes questões ligadas ao preconceito e como elas podem moldar a visão social, subjetiva e moral de um indivíduo. As questões levantadas serão: Como os padrões de beleza afetam a esfera social? O que o preconceito estético pode fazer e/ou gerar como mecanismo de marginalização?

A principal hipótese levantada será a de que os aspectos físicos podem vilanizar os indivíduos e afetá-los negativamente no campo da esfera social bem como ao nível subjetivo. Olhando para a história de vida da criatura, podemos ver nuances de uma crítica social pertinente aos dias atuais. Nossa sociedade lamentavelmente ainda se mantém presa a preconceitos puramente baseados em valores estéticos e padrões pré-estabelecidos de beleza. Esse tipo de preconceito baseado apenas nas aparências acaba degradando os indivíduos e dilacerando sua subjetividade. Usar a aparência física para definir a natureza de um ser cheio de características únicas e cheio de subjetividades não é algo que afeta apenas uma criatura ficcional de um livro do século XIX, tornando o tema contemporâneo e relacionável aos leitores deste século.

Meu objetivo é o de usar a figura da criatura, e sua narrativa, para demonstrar o que é ser um ser banalizado e posto à margem da sociedade simplesmente pelo fato de ter uma aparência não condizente com o esperado socialmente. Embora a criatura apresentada no livro seja um personagem sobrenatural, as reflexões trazidas por sua história podem se enquadrar na realidade de diversos grupos socialmente marginalizados e excluídos de nossa sociedade atual devido a sua aparência. A meta é analisar criticamente como nosso sistema de beleza

padronizado reflete na realidade e nas interações sociais dos indivíduos, causando sua aceitação ou marginalização perante o todo.

A justificava para minha escolha em relação a esse projeto se encontra diretamente com minha grande afinidade e amor pela literatura gótica, bem como, em minhas próprias observações e vivências pessoais. O personagem da criatura segundo minha visão tem um grande potencial para gerar discussões pertinentes a nossa era. Muitos grupos sociais são marginalizados e postos de lado por conta de suas aparências, podemos citar dentre eles pessoas negras, transexuais, pessoas com deficiência, e muitos outros. Acredito que usando a criatura como forma figurativa dessa problemática serão geradas novas discussões de caráter crítico, fazendo assim com que o levantamento destas questões seja pertinente a uma análise que permeia o social e o subjetivo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Publicado originalmente em 1818, o romance *Frankenstein* (Shelley, 1818) trouxe consigo reflexões que ainda podem ser relevantes para a nossa sociedade em pleno século XXI. A obra traz consigo uma narrativa que conseguiu captar e demonstrar diversas nuances do que ainda podemos observar como problemas sociais relevantes para a nossa realidade. A obra já foi explorada com uma infinidade de perspectivas diferentes, o foco dos artigos e publicações acadêmicas permeiam uma ampla gama de temas como aspectos relacionados à ciência e ao desejo de eternidade (ARGÔLO, 2012), características literárias no gênero gótico/terror gênero (CARDOSO e SOUSA, 2018), bioética (RUIZ, 2009) e muitos mais. A variedade de publicações em áreas divergentes demonstra a relevância desta narrativa, bem como a notoriedade do livro que perdura séculos após a sua publicação. A poderosa narrativa deste romance gótico incitou uma multidão de pensadores e investigadores devido à sua diversidade de conteúdos e à delicadeza com que as histórias apresentadas cativaram os seus leitores a iluminar as suas mentes.

Para explorarmos o referencial teórico é primeiro pertinente entender como este se relaciona com a narrativa e com as escolhas das propostas selecionadas para essa pesquisa. As indagações levantadas em relação à subjetividade do ser e como ela é afetada pelo preconceito estético serão primariamente supridas por dois artigos os quais foram selecionados devido a sua compatibilidade com a problemática proposta como referencial a este trabalho.

Agora focaremos em como os temas escolhidos foram abordados em relação aos artigos escolhidos. Resolvi dissertar separadamente sobre as obras porque, embora conversem muito bem com minha proposta de análise do livro, ambas possuem áreas distintas. O texto do artigo que abordaremos se chama *Como criamos nossos próprios monstros: uma analogia entre “Frankenstein” e a segregação social baseada em aparências* (Quadros, 2018). Em sua obra, a autora utiliza o personagem da criatura como base para seus questionamentos, utilizando-o como foco para questões relacionadas ao preconceito em sua escala social, trazendo uma contextualização voltada para a realidade atual e trazendo consigo elementos para falar sobre marginalização e as suas raízes sociais e consequências ao nível individual. Segundo a autora, no trecho a seguir podemos perceber a relação de concordância que o preconceito tem com o indivíduo de forma mais subjetiva e definitivamente pessoal.

O preconceito gera uma exclusão; ademais, em muitos casos, o preconceito é responsável pela “demonização” de suas vítimas, à medida em que, mesmo que inconscientemente, desumaniza aqueles cujas características, poses ou hábitos destoam de um padrão determinado (QUADROS, 2018)

A principal característica do ideal que perpassa a obra é justamente usar a criatura para evidenciar os problemas sociais e subjetivos causados pelo abandono que advêm do preconceito. A autora em diversas passagens faz uma conexão entre a criatura ficcional e a dura realidade de certas minorias socialmente marginalizadas. A figura da criatura é vista como uma síntese do sofrimento coletivo de certos grupos que perduram até o nosso século, embora o livro tenha sido criado no século XIX, a visão desse recorte mais atual é pertinente, levando a uma visão crítica de nossa realidade atual como sociedade. Aqui vemos de onde vem a ligação entre a discriminação decorrente da aparência da criatura e sua relação com as bases do preconceito sofrido atualmente por diversos grupos. É importante notar que de alguma forma o conceito de estética está sempre presente de alguma forma na equação que gera os mecanismos do preconceito. Podemos perceber essa relação quando a autora escreve:

A leitura da obra de Mary Shelley, ainda nos dias de hoje, se aproxima significativamente da realidade. O monstro, representando todos os indivíduos que são oprimidos em razão do preconceito relacionado à aparência, classe, raça, etnia e afins..." (QUADROS, 2018)

Os estereótipos decorrentes do preconceito e sua repercussão na subjetividade do ser também é um elemento importante para esta análise. A autora é perspicaz em fazer as conexões necessárias entre a narrativa de Mary Shelley e as bases do problema abordado. Outra percepção muito presente em sua obra é o fato de que o preconceito baseado em fatos nada reais moldam o sujeito marginalizado que pode, por sua exclusão, assumir para si a imagem estereotipada que o denigre. Muitas vezes, por não conhecerem outra realidade e pelo trauma causado pelo preconceito, certos indivíduos são levados pela carga social negativa presente na estereotipagem de seus corpos e aparências. Esse pensamento é reforçado quando o autor denota sobre a situação, dizendo: "Justamente partindo-se dessa perspectiva, o monstro de Frankenstein começa a se perceber como um sujeito limitado ao seu estereótipo de vilão. Sua aparência repugnante importava mais ao julgamento das pessoas do que suas atitudes."(Quadros, 2018). Nesta passagem podemos ver como o valor da estética detém maior poder no preconceito do que as ações reais efetivamente realizadas pelo indivíduo, as aparências têm um papel maior no preconceito do que o comportamento individual.

O último aspecto abordado que será mencionado é o abandono. Desde o início da narrativa, a criatura é socialmente abandonada e excluída. Lamentavelmente, essa é a realidade vivenciada por diferentes grupos em nossa sociedade e que esse tipo de exclusão baseada em pensamentos voltados para a imagem e características de uma pessoa são vieses comuns para a criação de estereótipos que englobam os indivíduos, tirando sua subjetividade e tornando-os nada mais do que um ideal perpetuado injustamente. O preconceito inferioriza e

degrada o ser humano, que muitas vezes não tem culpa dos ideais sociais que são impostos. A autora define que "Em Frankenstein, a autora expressa a solidão do monstro, cujo espectro em nossa sociedade seria o abandono, do Estado e também da sociedade, às pessoas inferiorizadas pelo preconceito." (Quadros, 2018). Podemos perceber como o abandono social é uma característica relevante para a análise da narrativa, bem como para as propostas deste trabalho que pretende desvendar as principais nuances do problema do preconceito em nossa sociedade atual.

O artigo subsequente que será discutido é O Passageiro das Trevas: Estética e Psicologia do Monstro em Frankenstein (Cruz e col., 2014). Neste trabalho o foco principal são os aspectos psicológicos que permeiam a subjetividade do personagem da criatura, procurando assim compreender os efeitos do preconceito em relação a mesma. Os autores começam por definir a condição corpórea da criatura "A perspectivação do monstro é entendida por nós como resistência à forma perfeita e, ao mesmo tempo, busca do ser pela própria autonomia através da quebra de expectativas, recusa à massificação, transgressão de normas sociais e reconfiguração identitária." (Cruz e col. 2014). Nessa passagem podemos perceber que o corpo da criatura é como algo socialmente transgressor, sua forma está longe do que é considerado perfeito para os padrões de beleza. Podemos entender então que a transgressão social que a criatura infringe tem muito mais a ver com sua figura e forma corporal do que quaisquer pensamentos ou ações efetivamente realizadas. Esse é um dos adventos mais brutais que o preconceito carrega, a marginalização que não advém de um comportamento, mas apenas da forma como um indivíduo se apresenta, que geralmente foge ao seu controle e escolha. Ser consumido por um preconceito que fala mais sobre a aparência de alguém e menos sobre quem a pessoa realmente é. A criatura é única em sua aparência, este é considerado seu principal crime contra as normas sociais.

O próximo aspecto abordado pelos autores é a relação entre a criatura e sua aparência em relação ao restante da sociedade. Por conta de sua individualidade latente, a criatura é colocada à margem da sociedade. Os autores denotam que "Com a interferência da aparência nessa máscara social pré-concebida, em princípio o monstro não tem alternativa a não ser se exilar do convívio humano." (Cruz e col., 2014). Esse afastamento do personagem da sociedade não é uma escolha, a criatura simplesmente não tem alternativa a não ser ficar longe dos humanos porque sabia que sua aparência sempre teria um peso muito maior nos julgamentos do que sua personalidade e pensamentos. O personagem é mantido afastado de tudo e de todos, a única explicação dada pela narrativa é sua forma física. Os autores reforçam essa ideia ao expor que "O que há de gracioso em seu ser é anulado pelo seu aspecto

assustador e suas atitudes são tidas como compatíveis ao seu visual.” (Cruz e col., 2014). É importante notar que a criatura é caracterizada por sua aparência, e que não há evidência de que sua exclusão seja merecida. Esse tipo de marginalização pode trazer diversas consequências negativas para a pessoa que a sofre, pois, constantemente tendo sua índole atacada e questionada, o personagem se sente vilanizado.

O último elemento investigado pelos autores em relação ao problema e a criatura são os efeitos da marginalização. Como a criatura foi negada do convívio social desde sua concepção sendo maltratada pelas pessoas em geral, vemos uma mudança de perspectiva do ser em relação ao ambiente e às suas perspectivas pessoais. Depois de tantos encontros com os horrores do preconceito e da marginalização sem fundamento, a criatura muda sua visão de si mesma e passa a aceitar o papel social atribuído pelos outros. Os autores mostram essa ruptura e mudança na visão de mundo do personagem ao confirmar que "Sem chance de mostrar seu interior generoso, ele identifica-se plenamente à sua sombra, assumindo, então, para si, a visão parcial daqueles que só enxergam a sua deformação." (Cruz e col., 2014), neste ponto, vemos como o personagem, depois de se sentir tão vitimizado, tenta reagir à violência e segregação sofrida, porém, é importante notar que isso provoca sua queda moral. A criatura acaba cedendo ao estereótipo que já carregava e decide se tornar verdadeiramente um monstro. Após tentar mostrar sua boa índole e perceber que seus esforços sempre seriam em vão, ele aceita que a sociedade nunca o verá com bondade ou respeito. Os autores confirmam essa ideia reforçando que "Alimentado no paradoxo do (não) ser, ele se molda e é moldado pelo meio, adotando atitudes vistas como extremas e cruéis, em resposta ao que sofre no mundo dos homens." (Cruz e col., 2014). Podemos perceber como o preconceito pode repercutir na sociedade, fazendo com que os indivíduos tenham sua subjetividade afetada pelo ambiente.

3 METODOLOGIA

Como pode ser observado ao longo das outras sessões deste trabalho o enfoque principal se dá através de uma exploração que permeia ideias e características ligadas a subjetividade. Tendo isso em mente, a abordagem será categorizada como sendo qualitativa. O caráter exploratório se dará por uma pesquisa visando embasar as hipóteses levantadas bem como responder ou entrar em concordância com os problemas e questões a serem investigadas.

O objeto usado a ser analisado e usado para embasamento desta proposta será o personagem da criatura. Sua escolha foi feita com base em sua história em correlação a narrativa da história. No que tange sua relação com a narrativa, a criatura apresenta questões muito características, desde sua concepção até encontrar seu momento final, ele jamais foi aceito socialmente por conta de sua figura disforme. Durante o percurso de sua breve vida, o personagem se depara com a marginalização, com a exclusão, com o escárnio e com outras diversas facetas do preconceito. Por muitas vezes o personagem tenta em vão conciliar o problema de sua aparência tentando demonstrar boa índole e educação, mas seus esforços em conseguir algum tipo de compreensão e aceitação são sempre falhos. Isso faz com que haja uma mudança em sua subjetividade que, outrora afetada pelo meio social, faz com que ele se aproprie dos estereótipos negativos que já carregava sem outra escolha e se tornando um monstro. A proposta de sua narrativa entra em concordância com a proposta e o objetivo desse projeto como forma ilustrativa dos efeitos do problema do preconceito.

Dois fenômenos principais serão usados para a abordagem desta pesquisa, sendo eles respectivamente o preconceito estético e a subjetividade. Apesar de o preconceito ser difundido como algo relacionado a raça, cor, etnia, credo, dentre outros, sabe-se que muitas das características que giram os mecanismos que o permeiam são de caráter puramente estético. Grande parte do preconceito advém da relação da percepção corpórea de um indivíduo em relação aos preceitos sociais de beleza e estética. Sendo assim, podemos ver uma relação mútua entre o preconceito e a estética. O segundo fenômeno abordado é a subjetividade, que neste caso vai ao encontro dos resultados que denotam como o preconceito pode atingir no campo subjetivo de um indivíduo que teve sempre sua imagem vilanizada e marginalizada. Sendo a subjetividade humana um campo bastante extenso e complexo, entender sua correlação com a formação humana em relação ao preconceito me parece um guia desejável para minha pesquisa que, se fundamenta principalmente nos vieses dessa exploração que permeia o social e o psicológico.

O método utilizado para a coleta dos dados necessários será a realização de leituras, bem como inerente a esta a pesquisa de artigos, publicações e livros que possam suprir as devidas carências encontradas na fundamentação do projeto. Será feita uma compilação de materiais escolhidos, que serão analisados perante os ideais propostos que servirá como base teórica. O principal preceito será o de encontrar e catalogar para posterior uso obras que sejam relevantes e possam colaborar com o material teórico para embasar e atender as percepções sobre preconceito e subjetividade em relação à obra Frankenstein. Autores e pesquisadores que estudaram a obra sobre as lentes do ideal proposto serão utilizados, focando nas perguntas de pesquisa em relação ao advento do preconceito e seus mecanismos, as percepções de como o preconceito usa majoritariamente da estética para o discernimento de quem deve ser posto a margem ou não, como os efeitos do preconceito afetam ao nível subjetivo a percepção do indivíduo de si mesmo e do mundo ao seu redor.

4 DESENVOLVIMENTO

Frankenstein, a obra escrita pela autora Mary Shelley no século XIX, é uma das obras de horror gótico mais aclamadas da contemporaneidade. Contudo, apesar de o livro ter sido publicado a alguns séculos de distância da realidade de nossa época, sua narrativa traz consigo reflexões pertinentes que dialogam com a realidade de muitos grupos sociais. Podemos então, de forma contextualizada, nos debruçar sobre problemáticas que persistem na atualidade, assim, criando um paralelo de grande relevância entre a figura da criatura apresentada nesta obra com a realidade de muitas pessoas que, infelizmente, sofrem com os efeitos do preceito atrelado a estética que levam a segregação. Estes dois últimos, que por sua vez podem acarretar prejuízos altamente nocivos à subjetividade e a formação do sujeito e prejudicando sua relação com o âmbito social.

A figura da criatura criada brilhantemente na narrativa de Shelley pode ser vista como um ramo de oliveira que permeia importantes questões da contemporaneidade, o ser sem nome que desde sua criação nunca pode conhecer nada advindo do mundo que não fosse dor, humilhação, preconceito e segregação. Quais as motivações por trás de tais atos contra o ser? Em princípio, podemos definir sua aparência que para os padrões pré-definidos de beleza não se encaixava e jamais se encaixaria nos preceitos do que é o belo. A criatura construída de partes de seres-humanos mortos roubadas por seu criador, fora até por seu caprichoso "pai" Victor abandonado desde que adquiriu vida e consciência. Foi-lhe negado desde o início tudo que é necessário para a boa formação de um indivíduo. Eis aí o começo da marginalização desta figura cujo primeiro crime contra a sociedade foi nada mais nada menos que sua aparência considerada grotesca, questão imutável e totalmente fora de seu controle.

Durante sua breve narrativa em 7 capítulos, a criatura dá sua versão da história contando a seu criador os eventos que o levaram até seu estado presente. Pode-se ver em meio a essas páginas como se deu toda sua formação, tanto em relação a sua consciência de si, quanto sua visão em correlação direta com o mundo e a sociedade. Fazendo paralelo com uma das se não, a mais conhecida frase do filósofo francês Rousseau, a criatura que outrora nasceu boa tornou-se corrompida pelos males sociais que a cercaram. São negados desde os primórdios de sua criação e socialização, afeto, respeito, e direitos básicos. Esta exclusão acarreta a formação de uma subjetividade pautada no ódio para consigo mesmo e o medo da rejeição que depois culminam em uma situação psicossocial deplorável. Em seus primeiros momentos após o abandono de seu criador, a criatura tenta subsistir sem nenhum apoio e nenhuma ideia do que deveria fazer. As dores causadas pela fome e pelo frio começam assim

a se equiparar com a dor da solidão e do descaso. Em seu primeiro contato social, adentrando um vilarejo e ainda desprovido do conhecimento dos efeitos do preconceito, a criatura é agredida e atormentada pelos aldeões. Por motivo algum que não fosse sua aparência física.

Para prosseguir na narração da criatura é preciso então conceituar primeiramente sua principal problemática, o preconceito e seus arautos. O preconceito encontra-se vilmente atrelado ao conceito de estética. Tendo em vista que é baseado num prejulgamento de aparência que o fenômeno social tem sua base e formação. Sua aparência e não suas ações são o que primariamente segregam a criatura do convívio em sociedade. Em suma, são apenas as diferenças físicas que em um primeiro instante tornam a pobre criatura em um monstro aos olhos de todos. Para tal exclusão não há nenhum viés verdadeiramente comportamental ou de índole, inexistem falhas de caráter ou situações reais que o torne temido e excluído de tal forma. Pode-se ver claramente como a visão de outrem perante seu exterior formou barreiras para seu relacionamento para com o meio onde sem sucesso tentava interagir e coexistir. Como a autora fala a seguir:

O preconceito, portanto, tem sua origem principalmente na identificação e consequente aversão à diferença, podendo ser motivada por fatores das mais diversas ordens –cultural, racial, econômica, etc. Suas consequências podem ser muito mais complexas do que uma simples ruptura entre grupos sociais ou indivíduos: o preconceito gera uma exclusão; ademais, em muitos casos, o preconceito é responsável pela “demonização” de suas vítimas, à medida em que, mesmo que inconscientemente, desumaniza aqueles cujas características, poses ou hábitos destoam de um padrão determinado. (QUADROS, 2018)

Pode-se constatar que em princípio o que segregava a criatura do convívio com os demais como um ser social agente de uma comunidade (neste caso a humanidade) era meramente sua aparência. O que fica cada vez mais evidente ao percorrermos mais de sua narrativa na obra. Após ser agredido e expulso da vila onde se encontrava, o ser tenta refugiar-se. A criatura então encontra um pequeno espaço na propriedade da família De Lacey, após algum tempo observando os moradores do local a criatura se compadece da família e decide ajudá-los em seus afazeres anônimos. Com sua observação latente da família e seus membros, a criatura tem de certa forma o seu primeiro contato real com a sociedade. Passando assim a entender os preceitos sociais esperados de um indivíduo, virtudes, bondade. Porém, a criatura também se depara com as incongruências do mundo onde se encontra. Logo, a criatura começa a formar a percepção de si mesma em relação a este mundo que acaba de conhecer e concebe sua sentença. Sua aparência destoante é o motivo de sua vilanização.

À criatura são negadas todas as fontes de relações interpessoais, considerando que sua visão tida como grotesca faz com que os outros lhe façam um juízo de valor errôneo. Conceituando e atribuindo-lhe falhas que não condizem com a sua real índole. Há apenas o valor imagético de sua aparência destoante do esperado socialmente. Desta forma, as noções do preceito fazem com que a criatura entenda que jamais será aceita baseando-se nas noções segregativas da estética. Após muito contemplar esse pensamento, a criatura decide apresentar-se a família a qual sempre esteve fazendo benfeitorias. Numa tentativa de talvez ser aceito por sua índole boa, a criatura decide revelar-se ao patriarca da família, um velho senhor acometido pela cegueira. Essa escolha não vem ao acaso, pois agora havia entendido os mecanismos sociais e discriminatórios. É interessante notar essa criação da consciência de si e do meio sendo altamente atrelada a uma constante consciência de medo e da segregação. É observado na fala a seguir:

Era sagaz o bastante para perceber que a hediondez antinatural da minha figura era o motivo principal do horror daqueles que tinham me visto anteriormente. Minha voz, embora áspera, nada tinha de terrível. Então, pensei que, se na ausência dos seus filhos pudesse conquistar a boa vontade e a mediação do velho De Lacey, poderia, através dele, ser tolerado por meus protetores mais jovens. (SHELLEY, 1818)

Após apresentar-se ao patriarca da família De Lacey a criatura começa uma conversa aonde tenta convencer o velho senhor de sua bondade e honestidade, tenta esclarecer-lhe que possui uma boa índole. Jamais havia anteriormente cometido algum tipo de malfetoria, mas mesmo assim entendia que apesar de suas características virtuosas e valorosas, um preconceito fatal fazia com que ela fosse vista como um monstro. Seus atos de bondade e seus valores são obliterados pela cegueira causada por sua figura. Uma cegueira que incita atos vexatórios, discriminatórios e por muitas vezes até mesmo violentos. Com a chegada dos outros membros da família De Lacey a criatura depara-se novamente com o escárnio e a maldade humana. A criatura é então novamente agredida e excluída do convívio humano pela falta de compatibilidade estética que possui em relação aos demais.

Assim se dá a formação psicológica primária da criatura, seu entendimento primário da sociedade e de si mesma é calcado indubitavelmente no já enraizado preconceito estético. O que irá acarretar uma série de malefícios tanto nas relações para consigo mesmo, bem como para com o mundo. Neste ponto podemos pensar a imagem da criatura como uma síntese da situação de diversas minorias sociais, que por nada além do seu exterior são julgadas, oprimidas e excluídas. Pessoas pertencentes a determinados grupos, sejam eles étnicos, raciais ou identitários, podem também passar pelo mesmo tipo de processo vilanizatório. O que se pode esperar de grupos de pessoas as quais sempre foram negados

diretos básicos como direito a uma vida plena e segura? Viver à margem causa danos à psiquê do indivíduo que raramente são pautadas ou analisadas com um olhar mais criterioso. Torna-se então de extrema pertinência entendermos os danos causados a este tipo de indivíduo que, ao mesmo tempo que caracteriza, é caracterizado pela criatura de Shelley. Os autores afirmam a seguir:

Nossa persona seria, então, a forma pela qual nos apresentamos ao mundo, a pele que habitamos e que nos habita; através dela, nos relacionamos com os outros. Inclui nossos papéis sociais e inclui desde o tipo de roupa que escolhemos, passando pelo nosso estilo de expressão pessoal até modos mais complexos de comportamento. O arquétipo jungiano persona diz respeito “àquela face que nunca mostramos ao mundo, porque a encobrimos com [...] a máscara do ator” (CRUZ e RIBAS, 2014 apud JUNG, 2000, p. 30).

A criação monstruosa do Dr. Frankenstein, tamanha a sua horrenda aparência, é impossibilitada de se utilizar da persona, pois o aspecto físico interfere na leitura social dos indivíduos. Daí ocorre o choque entre o grotesco e o sublime, e a origem da desigualdade entre os homens. (CRUZ e RIBAS ,2014)

A criatura é impossibilitada de usar sua máscara social, essa que, por sua vez, é inversamente proporcional ao seu eu interior. Seu exterior "monstruoso" impossibilita que haja reações de empatia para com ela, a ideia de identificação com outrem por sua vez também se vê obliterada. A criatura em diversas passagens de sua narrativa cita como se sente segregada da sociedade e do mundo ao seu redor justamente por ser totalmente diferente fisicamente dos outros. Mesmo após adquirir conceitos primordiais para o entendimento da sociedade e até mesmo a linguagem daqueles ao seu redor, isso de nada adianta para sua inclusão no meio. A criatura chega a se perguntar se é nada mais do que uma nódoa na terra, não conhecia ou jamais havia visto alguém como ela, fazendo uma alusão a Paraíso Perdido, ela se compara a figura de Satanás que por mais que tivesse sido excluído do paraíso ainda possuía seus companheiros enquanto ela é totalmente solitária. A falta de uma imagem identitária positiva também ajuda negativamente a criatura a sucumbir ao arquétipo de monstro. Nesse ponto pode-se pensar num paralelo entra a criatura e pessoas imigrantes em outros países, por exemplo. Tendo em vista que a assimilação da cultura e da língua muitas vezes não se apresentam como suficientes para sua plena integração social.

Podemos entender que o segundo fenômeno pertinente a essas pautas é a segregação. A criatura é completamente afastada do convívio e da participação no meio social, ela não possui direito a bens de consumo, pois não pode exercer um trabalho, não possuindo assim propriedades. Não são cabíveis a ela os direitos básicos aos quais os humanos são regidos, ela não possuiu direitos e não usufrui de nenhum tipo de auxílio. Nenhuma lei se dispõe a ajudá-la, não havendo nenhum tipo de garantia social. Seu distanciamento da

sociedade não se limita apenas ao campo social e psicológico, o preconceito também tirou qualquer possibilidade de subsistência e de defesa. Pois o que se aplica ao cidadão comum jamais fora aplicado a criatura. Ela não possuía os requisitos adequados para ser considerada como tal por conta de suas deformidades, demonstrando assim como a segregação mais uma das facetas mórbidas do preconceito que causa a quebra de direitos civis a uma parte de uma população ou grupo. Os autores em seguida afirmam que:

Uma das maiores causas da exclusão social é o preconceito, que tem suas origens na aversão ao extraordinário, motivada pelos mais diversos fatores (social, econômico, político, racial, etc.). Diante disso, a sociedade faz-se palco de um cenário cheio de segregações, muitas das quais são quase ou exclusivamente motivadas pelo preconceito. (QUADROS, 2018)

A criatura é, de certa forma, impedida de exercer qualquer trabalho, pois é um ser execrado, expulso, perseguido e relegado a mais um excluído socialmente. Sendo o trabalho – sob uma ótica vygotskiana – responsável pela formação da sociedade humana vide a ação transformadora do ser humano sobre a natureza, a criatura, como mais um ser excluído da e pela sociedade, torna-se alguém privado de uma participação mais ativa na criação da cultura e da história social. (ANDRADE, 2019)

O resultado latente da segregação é a marginalização dos indivíduos, esses que por sua vez acabam por estar apartados do meio social comum. Esse distanciamento pode acarretar diversas reações nos indivíduos que são submetidos à esta situação lamentável. Para a criatura de Shelley, o cenário se torna o pior possível. Após ser abandonado por seu criador, ter passado por um cenário alarmante de fome e frio, podendo assim apenas subsistir da forma mais básica e primitiva possível, renegada do convívio social, sem direitos, sem defesa e sem qualquer um para apresentar-lhe bondade ou empatia para com ela. Tudo isso traz suas consequências na formação de uma criatura que não foi educada com a índole de um monstro, mas que por sua vez irá se tornar um. Essa transformação pouco tem a ver com suas intenções ou inclinações primárias, tendo em vista que a criatura relata amar as virtudes apresentadas pelos seres humanos. Assim, pode-se observar que tanto o preconceito quando a segregação apresentam um caráter transformador. Embora a mudança causada geralmente não seja proveitosa ou satisfatória, muito comumente os resultados são traumáticos, não trazendo nenhum benefício à formação do sujeito e sua psiquê.

A segregação não apenas causa seus efeitos psicossociais ao ser, como também é uma grande responsável do indivíduo ir de encontro à marginalização. O que sinaliza um grande problema atual para com uma grande parte da população. Existem diversos grupos ainda na atualidade que infelizmente dividem com a criatura de Shelley o processo vilanizatório que acarreta uma perda social tremenda, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Após passar por todos esses processos oriundos do preconceito, um dos

movimentos mais comuns é o de aceitação arquetípica, por mais danosa que ela seja. Assim, uma pessoa sem quaisquer oportunidades pode chegar a extremos devido ao seus traumas, para garantir sua subsistência. Esse quadro não difere tanto da realidade de muitos cidadãos brasileiros, embora a lei supostamente garanta igualdade e liberdade, e direito e deveres igualitários, é importante ressaltar que apenas uma minoria usufrui plenamente dos seus direitos enquanto se desfaz de certos deveres, e em meio a isso uma grande parcela da população cai sem outras opções na marginalidade. O artigo 5º da constituição federal brasileira afirma que: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988).

No entanto, é importante entendermos que, apesar das leis da constituição federal garantirem a igualdade de direitos e deveres, é sabido que essa está longe de ser a realidade do povo brasileiro. Um grande gama de "minorias" brasileiras tal qual a criatura de Shelley estão completamente desamparadas e sem outras opções cabíveis. É triste pensar que a figura que de uma criatura de um livro do século XIX ainda se correlaciona tão firmemente com a realidade de nosso país e com as vivências de nosso mundo atual no século XXI. Vivendo uma vida sem oportunidades, muitos acabam por adentrar em uma vida de criminalidade para poder subsistir de uma forma mais cômoda ou até mesmo por conta do meio onde estão inseridos, não possuem outras opções mais cabíveis. De forma alguma é meu intuito o de defender tais ações, sejam elas no campo ficcional ou fatídico. No entanto, é importante entender os recortes aos quais cada indivíduo faz parte, quais arquétipos ele perpetua, de onde vem sua formação e seu contexto para podermos entender a pluralidade de cada ser que participa de uma forma ou outra ativamente em nosso campo social.

A criatura, tal qual essa grande gama de pessoas, também sucumbe a imagem arquetípica a qual tanto a submeteram. Sucumbe a marginalização e se torna definitivamente um pária. Sem ter nenhuma outra oportunidade apresentada para si, sem poder usufruir de quaisquer direitos comuns ao homem e em meio a revolta causada pela exclusão e pelo medo o ser decai e torna-se exatamente o que desde o princípio havia lutado contra. A criatura sucumbe a imagem a ela sempre relacionada e decide então tornar-se verdadeiramente um monstro. Abdicando totalmente de sua bondade e do bom uso das virtudes que houvera outrora admirado na humanidade. É válido salientar que esse processo é narrado gradativamente em meio aos capítulos onde o narrador, a própria criatura, citando página a página sua história e as motivações que o fizeram se tornar o que se tornou.

É de suma importância abordarmos não apenas os mecanismos que regem o preconceito. Também é mutuamente necessário entendermos como esses processos afetam negativamente na subjetividade e na psiquê do indivíduo. Após perpassar toda sua existência sendo execrada, a criatura decide conscientemente perpetuar todo o mal que conhecera e internalizara. Rechaçado pela família De Lacey a criatura começa a apresentar pensamentos intrusivos com uma grande conotação misantrópica pela primeira vez na narrativa. Mostrando assim os resultados do abuso (físico e psicológico) e do preconceito em sua mente. A criatura passa a apresentar um grande declínio moral e mental, apesar de estar ciente de suas ações é possível ver em seus pensamentos de vingança, nuances do trauma causados por fatores como abandono, negligência e segregação. Após entender-se como alguém totalmente apartada da sociedade, é desperta na criatura, um enorme desejo por vingança, tendo em vista que jamais seria aceita de qualquer modo por mais que tentasse. As diversas tentativas falhas aumentaram ainda mais sua certeza de que jamais seria aceita no meio social de convívio humano. A criatura age sob seus pensamentos intrusivos assim cometendo seu primeiro ato deplorável ao incendiar a chalé e destruir a plantação da família em um ataque de raiva e frustração.

Seguindo a narrativa, a criatura ainda apresenta algo de bondade dentro de si após o episódio com a família De Lacey. Posteriormente, a criatura se depara com uma garota que estava se afogando em um rio e tenta salvá-la. No entanto, é novamente mal interpretado por conta de sua aparência, mesmo tendo salvado a jovem mocinha e feito todo o possível para reanimá-la, acabou sendo ferida por um camponês com um tiro por acreditar que ela estaria fazendo a garotinha algum tipo de malfeito. A criatura novamente se depara com a realidade de sua situação, esquecendo dos sentimentos de bondade, e gentileza, voltando-se mais uma vez ao ódio. Em sua derradeira tentativa de ter algum acolhimento proveniente dos humanos, a criatura encontra em sua perambulação um pequena criança, um menino ao qual decide tentar se aproximar por acreditar que por conta de sua tenra idade não conheceria os horrores da deformidade e do preconceito. Deste modo a criatura decide tornar o jovem menino seu companheiro e amigo, no entanto, suas crenças se provam equivocadas quando a criança renega e fica totalmente apavorada com sua figura. O menino então profere diversas ofensas e tenta persuadir a criatura usando seu sobrenome para intimidá-la, a situação culmina com a criatura acabando por matar o jovem acidentalmente tentando calá-lo.

A partir deste ponto na narrativa, há um grande ponto de inflexão onde a criatura apresenta uma total desistência para com as virtudes e a moralidade, assim se entregando terminantemente ao seu lado sombrio. Dessa forma ela se adequa aos preceitos socialmente concebidos sobre ela, tornando-se verdadeira um monstro e decidindo dedicar-se a criar

desolação e caos, principalmente para seu criador Victor, que ela julga ser o seu maior malfeitor, agregando a ele o status de seu principal inimigo. Após descobrir que o pequeno garoto era irmão de Victor, sua morte, por mais que accidental, tornou-se um objeto de grande prazer e triunfo para a criatura. Neste momento há o grande rompimento entre a imagem da criatura e do monstro, sua hediondez deixa de ser algo apenas do campo estético e passa a se perpetuar em seus pensamentos e ações sem nenhum pudor. Sendo este o resultado final de toda a segregação sofrida. Acompanhamos todos os passos traçados em sua narrativa até chegarmos nesse momento chave, aonde o desespero e o sofrimento se tornam maledicência e misantropia. A seguir os autores dizem que:

Com a interferência da aparência nessa máscara social pré-concebida, em princípio o monstro não tem alternativa a não ser se exilar do convívio humano. O que há de gracioso em seu ser é anulado pelo seu aspecto assustador e suas atitudes são tidas como compatíveis ao seu visual. Sem chance de mostrar seu interior generoso, ele identifica-se plenamente à sua sombra, assumindo, então, para si, a visão parcial daqueles que só enxergam a sua deformação. (CRUZ e RIBAS ,2014)

No entanto, após sofrer reiteradas repressões, exclusão, desrespeito e acusações injustas e fundadas tão somente em sua aparência, o monstro deixa de tentar fazer parte da comunidade em que está inserido, pois percebe que jamais teria êxito, dadas as circunstâncias. Assume, então, toda a hostilidade que suas feições insinuavam aos olhos dos homens que o condenavam, assim como os indivíduos se veem oprimidos em nossa sociedade assumem, quando jamais lhes são oportunizadas expectativas diferentes daquelas a que já estão “condenados” a cursar, em razão de suas aparências ou condições sociais. (QUADROS, 2018)

Como se pôde constatar, a narrativa da criatura criada por Mary Shelley evidencia os efeitos nocivos do preconceito para o indivíduo tanto socialmente quanto subjetivamente. Durante toda a narrativa da criatura em primeira pessoa é possível deparar-nos com todas as nuances que os preceitos do preconceito estético apresentam na forma de sua história de vida. O principal agente opressor de sua narrativa é o próprio conceito de preconceito estético, que devastou desde sua concepção todas as suas oportunidades, levando-as a sua total obliteração. A criatura começa apresentando-se como um ser totalmente inocente e eximido de qualquer tipo de culpa, mesmo assim, seu destino é o de viver exilado do resto da sociedade por conta de sua aparência. Os atos de violência dos seres humanos contra ela, por mais que sejam fundamentados no medo, evidenciam que a aparência quando vista de uma forma distinta pode, sim, influenciar negativamente no tratamento de um sujeito, causando-o grandes traumas e que o preconceito pode, sim, acarretar malefícios ao campo psicossocial. Podemos ver nos trechos a seguir a mudança latente da criatura ao aceitar sua faceta de monstro que foi imposta pelo meio social ao qual estava inserida.

Eles são bondosos... eles são as melhores criaturas do mundo, mas, infelizmente, têm prevenção contra mim. Eu tenho boa índole, minha vida até aqui foi inofensiva, e, até certo ponto, útil. Mas um preconceito fatal tolda seus olhos, e onde eles deveriam ver um amigo bondoso e sensível veem apenas um monstro detestável. (SHELLEY, 1818)

Não havia um só entre a miríade de homens que existiam no mundo, que se compadecesse ou me ajudasse; e deveria eu ser bondoso para com meus inimigos? Não: a partir de então, declarei uma guerra sem fim contra a espécie, e, mais do que tudo, contra aquele que me criara e lançara nesse insuportável tormento. (SHELLEY, 1818)

Nestes últimos dois excertos é possível vislumbrarmos melhor os efeitos do preconceito estético na psiquê da criatura, bem como a linearidade da mudança de narrativa, mas também psicológica. A dissonância entre sua figura deformada e boa índole acaba, após que o meio muda a criatura e a faz um monstro tanto por dentro como por fora. Sua normalização advém de sua queda moral, assim a fazendo decair ao nível do que era esperado a partir de sua aparência. Sua trajetória marcada por diversos episódios de abuso físico e suas posteriores feridas psicológicas tornam a criatura uma grande representante da problemática levantada, o preconceito estético afeta negativamente a criatura de forma muito clara e objetiva. Percorrendo a gênese de sua formação até o ponto final de sua história não vemos apenas o transcorrer de uma vida bem como uma grande síntese do que é viver o preconceito no campo objetivo. A criatura sem nome, banido do convívio, sem esperanças e sem direito algum, se correlaciona perfeitamente com a realidade triste que a marginalização carrega. Quantos viventes deste século ainda carregam fardos equiparados aos desta pobre criatura? Seu vasto contexto é sumamente atual e seu ideal levantado ainda altamente pertinente a situação do século XXI.

5 CONCLUSÃO

Este projeto se dispõe a clarificar as questões de correlação entre os preceitos do preconceito estético e seus eminentes efeitos para a subjetividade humana, fazendo assim um recorte atual, denotando a criatura apresentada na narrativa de Mary Shelley como sua principal síntese. Sendo assim, o propósito primordial deste trabalho é o de analisar literariamente por um viés psicossocial as ocorrências que perpassam toda a narrativa da obra Frankenstein em correlação direta a individualidade da criatura, bem como o caráter situacional onde ela se encontra, englobando assim seu contexto. Desta forma, abordando as nuances e preceitos do preconceito estético e seus efeitos na subjetividade do ser, foi então possível criar-se um paralelo para o levantamento da hipótese de que aspectos físicos podem acarretar um processo de vilanização agregando valores negativos a indivíduos apenas por suas aparências, o que posteriormente acarretaria um prejuízo ao nível psicológico e social trazendo assim diversos malefícios.

Durante todo o projeto foi possível constatar a veracidade deste fenômeno, concluiu-se então por meio desta pesquisa que foi possível a análise da narrativa do personagem da criatura criada por Shelley perante um viés comprobatório da teoria anteriormente citada. Assim podemos dizer que houve indubitavelmente por meio dos arautos do preconceito estético um grande prejuízo a formação moral e psicológica do personagem analisado. Demonstrando desta forma a nocividade que o preconceito estético acarreta ao campo da psiquê.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Roberto Nogueira de. **Frankenstein uma criatura a mais a margem**, 2019.

ARGÔLO, Sueli de Fátima Alexandre. **“Frankenstein”, de Mary Shelley: A busca do homem pela perpetuidade da vida**, 2012.

BRASIL, **“Constituição da República Federativa do Brasil”**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Casa Civil: Subchefia para assuntos Jurídicos. CONSTITUIÇÃO. Brasília, DF. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

Acesso em: 21 de novembro de 2023.

CARDOSO, Paula Fabiana Melo; SOUSA, Elaine do Nascimento. **Um estudo sobre a literatura gótica e a obra Frankenstein de Mary Shelley**, 2018.

CRUZ, Thiago dos Santos Braz da; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **O passageiro das trevas: estética e psicologia do monstro em Frankenstein**. Revista Soletas, 2014.

NATIONALTHEATRE. **A character study/Frankenstein/ National Theatre at home**.

Youtube, 1 setembro de 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=IRxOtaPAx1c>

Acesso em: 21 de novembro de 2023.

QUADROS, Bibiana de. **Como criamos nossos monstros: uma analogia entre “Frankenstein” e a segregação social baseada em aparências**, 2018.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social**, 1762.

RUIZ, Cristiane Regina. **Frankenstein de Mary Shelley e sua mensagem perene sobre a responsabilidade da ciência sob a luz da Bioética**, 2009.

SHELLEY, Mary; **Frankenstein**. Editora Landmark, 2017.